

CAPÍTULO 1

SOU REI!

1REIS 1.1-10



Então, Adonias, filho de Hagite, se exaltou e disse: Eu reinarei. Providenciou carros, e cavaleiros, e cinquenta homens que corressem adiante dele (1Rs 1.5).

Em cada simples jogo de damas há um momento emocionante quando uma das peças do jogo de repente se transforma em realeza. Após percorrer todo o caminho e saltar até o outro lado do tabuleiro, uma pedra comum se transforma em dama. “Sou dama!”, exclama um dos jogadores. Uma segunda pedra comum é cuidadosamente colocada em cima da primeira, e a partir de então a nova dama tem o poder de se movimentar por todo o tabuleiro.

Muitas pessoas querem fazer do jogo de damas seu modo de vida. Insatisfeitas com seu *status* comum, elas querem ser o centro real de atenção. “Sou rei!”, dizem, desejando poder e dinheiro o suficiente para obter o controle e comprar os prazeres que querem na vida. “Sou rei!” é o que o homem solteiro está dizendo quando satisfaz seu desejo sexual, em vez de assumir o compromisso altruísta com Cristo de amar uma mulher. “Sou rei!” (ou “Sou rainha!”, para usar um termo do jogo de xadrez) é o que a mãe dominadora está dizendo quando ela faz de sua própria paz a regra da casa, em vez de buscar o progresso espiritual de seus filhos. E “Sou rei!” é o que eu digo toda vez que faço dos meus próprios desejos a minha maior preocupação, mesmo que à custa de outros.

O problema com a construção de nossos próprios pequenos reinos é que assim nunca encontramos o nosso lugar no verdadeiro reino de Deus.

Essa questão central na vida cristã é, também, a questão central em 1 e 2 Reis. Quem será o rei? Será que aceitaremos a realeza que Deus estabeleceu, ou será que sempre insistiremos em impor a nossa própria vontade na vida?

O velho rei Davi

A questão da realeza surge já no início de 1 Reis. Os livros de 1 e 2 Samuel são dominados pelo reinado de Davi. Mas 1 Reis começa dizendo que “o rei Davi já velho e entrado em dias, envolviam-no com roupas, porém não se aquecia” (1Rs 1.1).

Para quem admira o rei Davi, essa cena é cheia de *pathos*. Davi foi um dos maiores reis da terra, talvez o maior. Desde criança, realizara muitas proezas heroicas no campo de batalha: matou leões e ursos para defender os rebanhos e manadas de seu pai; matou gigantes; conquistou reinos; construiu uma fortaleza para o seu povo em Jerusalém; gerou uma dinastia real, foi pai de muitos filhos que seriam os príncipes de Israel. Mas, agora, o famoso rei estava velho e fraco, e de toda a sua antiga grandeza restara-lhe apenas a preocupação de manter-se aquecido na cama (ou devo dizer leito de morte?).

A fragilização de Davi é um triste lembrete da nossa própria fraqueza. Quando esses eventos ocorreram, o rei tinha cerca de 70 anos de idade (ver 2Sm 5.4). O que aconteceu com ele vai acontecer com quase todos nós: nossa audição ficará mais fraca, nossa visão escurecerá, nossos membros ficarão débeis e frágeis. Finalmente, seremos confinados à cama, e talvez também sentiremos frio. É, portanto, muito importante seguir este conselho das Escrituras: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: ‘Não tenho neles prazer’” (Ec 12.1). Se, como Davi, dermos nosso coração a Deus quando formos jovens, ainda nos lembraremos dele quando ficarmos velhos, e ele se lembrará de nós.

Pobre Davi! Enquanto tentava se aquecer, seus servos tentavam ajudá-lo. Vestiram-no com pijamas mais quentes, mas o rei continuava com frio. Empilharam cobertores pesados sobre sua pessoa real, mesmo assim o rei tremia sob as cobertas. Então, sugeriram um remédio prático – mencionado em vários manuais de medicina da Antiguidade:¹

Então, lhe disseram os seus servos: Procure-se para o rei, nosso senhor, uma jovem donzela, que esteja perante o rei, e tenha cuidado dele, e durma nos seus braços, para que o rei, nosso senhor, se aqueça. Procuraram, pois, por todos os limites de Israel uma jovem formosa; acharam Abisague, sunamita, e a trouxeram ao rei. A jovem era sobremaneira formosa; cuidava do rei e o servia, porém o rei não a possuiu (1Rs 1.2-4).

A contratação de Abisague como aquecedor humano suscita mais perguntas do que respostas. Estavam os servos de Davi simplesmente tentando mantê-lo aquecido? Por que, então, organizaram um concurso de Miss Israel para encontrar a garota mais bonita de todo o país? Embora a situação pareça carregada de sexualidade, também sentimos que o rei é rebaixado. Esse não é o Davi que conheceu Bate-Seba, o Davi que foi pai de Salomão e de muitos outros filhos. Nem mesmo uma jovem virgem deslumbrante consegue esquentar seu sangue. Pelo contrário, sua impotência sexual demonstra que ele havia perdido sua vitalidade e virilidade.

Em breve, o velho rei Davi estará morto e sepultado, fato que evidencia uma das limitações inerentes à realeza do antigo Israel. Todos os reis morreram, pondo em dúvida a realeza para cada nova geração do povo de Deus. Davi foi o melhor dos reis de Israel, mas até ele foi enterrado, onde seu corpo permanece até hoje. Sua mortalidade significava que nunca seria o rei supremo do povo de Deus.

Isso revela, por via de contraste, a realeza superior que temos em Jesus Cristo, o verdadeiro Filho de Davi e o único Filho de Deus. Jesus também morreu, sendo crucificado pelos nossos pecados. Mas, no terceiro dia, ele ressuscitou para reinar para sempre em majestade real. Jesus Cristo é o Rei imortal de todas as idades (1Tm 1.16). Este é o reino que precisamos, governado por um Rei que nunca mais morrerá, mas que viverá para sempre para nos governar e defender. Jesus nunca sentirá o frio da velhice, mas permanecerá em plena posse de seus poderes divinos por toda a eternidade: nosso Rei para sempre.

Eu serei rei

Quando o reinado de Davi estava se aproximando do seu fim, a corte real fervia de intrigas. Os cortesãos cochichavam nos corredores: “Quem será o próximo rei?”. Essa pergunta estivera na mente das pessoas há anos, da mesma forma que as pessoas há muito especulam sobre quem será o sucessor da rainha Elizabeth II, da Inglaterra. Na verdade, já haviam sido feitas pelo menos duas tentativas de tomar o trono de Davi: a rebelião de seu filho Absalão, que levou a uma guerra civil (2Sm 14-18), e a revolta de Seba, filho de Benjamim (2Sm 20). Davi conseguiu suprimir as duas rebeliões, mas à medida que envelhecia foi ficando mais fraco. Agora, não conseguia nem mesmo se aquecer na cama, e aquilo que um estudioso descreveu como “impotência tremente” estava deixando um vácuo de poder.²

O legítimo herdeiro de Davi, segundo Deus, deveria ser Salomão. Embora não fosse o filho mais velho – ele ocupava o décimo lugar na hierarquia de sucessão ao trono –, Salomão era o filho escolhido. Deus nem

sempre escolhe o filho mais velho, como ilustra a coroação do próprio Davi (1Sm 16.10-13). Sabemos de 1Crônicas 22.9 que a palavra do Senhor tinha anunciado a Davi que Salomão seria o próximo rei: “Eis que te nascerá um filho, que será homem sereno, porque lhe darei descanso de todos os seus inimigos em redor; portanto, Salomão será o seu nome; paz e tranquilidade darei a Israel nos seus dias. Este edificará casa ao meu nome; ele me será por filho, e eu lhe serei por pai; estabelecerei para sempre o trono do seu reino sobre Israel” (1Cr 22.9-10). Salomão seria o rei de Israel por eleição divina.

No entanto, havia outro pretendente ao trono, um candidato alternativo para assumir o reino de Israel. A maioria das pessoas o via como o herdeiro perfeito. Seu nome era Adonias, e ele se parecia muito com Davi em seus melhores dias, mas que, agora, já pertenciam ao passado. A Bíblia o descreve como um homem muito bonito, e ele nasceu logo após Absalão (1Rs 1.6). Do ponto de vista humano, tudo favorecia Adonias: ele tinha todas as qualificações que as pessoas costumam pedir. Assim como o seu irmão mais velho, Absalão (um vínculo ameaçador, dado a guerra civil que Absalão travara contra a casa de seu pai – 2Sm 14.25-27), sua aparência agradava à vista, o que pesa bastante – mais do que gostamos de admitir. No que dizia respeito ao reinado, Adonias parecia o partido perfeito (pelo menos para as pessoas que valorizam a aparência externa, coisa que Deus não faz – 1Sm 16.7).

Além disso, como filho mais velho ainda vivo de Davi, Adonias era o próximo na linha de sucessão ao trono. Ele era o quarto filho de Davi (2Sm 3.4). O filho mais velho do rei, Amnom, havia sido morto por seu irmão mais jovem Absalão, que, por sua vez, fora condenado à morte. Ninguém sabe o que aconteceu com Quileabe (2Sm 3.3), que simplesmente desapareceu da história e talvez tenha morrido em sua juventude. De acordo com o antigo princípio da primogenitura, a maioria das pessoas teria dito que Adonias tinha um direito legítimo ao trono.

Assim, o jovem Adonias decidiu aproveitar sua chance, declarando a sua intenção de ser rei após Davi. A formulação exata de sua declaração nos abre uma janela para a sua alma e, talvez, para nossas próprias também: “Então, Adonias, filho de Hagite, se exaltou e disse: Eu reinarei. Providenciou carros, e cavaleiros, e cinquenta homens que corresse adiante dele” (1Rs 1.5). A estrutura gramatical ressalta a palavra “eu”. Podemos imaginar Adonias apontando para si mesmo ou até mesmo batendo no peito ao dizer: “*Eu* reinarei”. Além disso, a forma do verbo “exaltar” pode indicar uma ação contínua,³ como que para demonstrar que a autoexaltação de Adonias não foi apenas uma ocorrência única – toda a sua vida girava em torno de projetar-se como futuro rei.

Do ponto de vista meramente humano, a pretensão de Adonias é perfeitamente compreensível. Afinal, quem não gostaria de ser rei? Além disso, a ordem natural das coisas não exige que um rei demonstre alguma iniciativa para merecer a sua coroa?

Se isso é o que pensamos, precisamos lembrar que esse não era um reino comum. A casa real de Davi fazia parte do plano de Deus para a salvação do mundo. Davi tinha recebido uma promessa divina e pactual segundo a qual sua dinastia persistiria para sempre, que seu trono seria estabelecido eternamente (2Sm 7.16-17). Essa era a vontade de Deus. Também seria *obra* de Deus, o que significa que, em vez de fazer sua própria escolha do rei, Israel deveria confiar em Deus para que este fornecesse o homem de sua escolha.

Alguns comentaristas interpretam o declínio de Davi como crise constitucional. “A razão da rivalidade entre os filhos de Davi sobre quem seria rei”, dizem eles, “era que o procedimento constitucional de regulamentar a sucessão ainda não havia sido estabelecido”.⁴ Mas esse não era o problema verdadeiro. Israel tinha uma política de sucessão real. Sua política era a determinação divina: Deus ungia o seu próprio rei em seu próprio tempo. Como disse na Lei de Moisés: “estabelecerás, com efeito, sobre ti como rei aquele que o SENHOR, teu Deus, escolher” (Dt 17.15). O problema era que homens como Adonias (e também como Absalão) não aceitavam a escolha de Deus, mas continuavam se exaltando. Eles nem sequer aguardaram a morte de seu pai (cf. Lc 15.12), mas tentaram tomar à força algo que só Deus podia dar.

Alguma vez você já sentiu essa mesma tentação – a tentação de pegar para si o que você queria no momento em que o queria, em vez de esperar que Deus lhe desse? Crianças pequenas são tentadas a fazê-lo e dizem: “Isso é meu!”, e pegam o que podem. Crianças maiores são tentadas a fazê-lo e ficam com raiva quando não conseguem impor a sua vontade. Alguns adultos são tentados a fazê-lo e se aproveitam dos prazeres sexuais sem esperar o presente do casamento. Outros são tentados a passar por cima de outras pessoas para serem promovidos, ou a apresentar-se para o ministério sem qualquer chamado da igreja, ou a obter um controle ímpio sobre seu cônjuge por meio da manipulação ou violência.

De uma forma ou de outra, todos nós somos tentados a nos exaltar. Muitas vezes somos como Diótrefes, que o Novo Testamento descreve como alguém que gostava de colocar-se em primeiro lugar (3Jo 9). Mas quando nós nos colocamos no trono, Deus deixa de ser o Deus da nossa vida e passa a ser apenas mais um de nossos funcionários. Em vez de procurar o seu reino, esperamos que ele nos ajude a construir o nosso. Mais cedo ou mais

tarde, ficaremos chateados com ele por não fazer o que esperamos que ele faça por nós. Normalmente ficamos com raiva quando não conseguimos o que queremos, o que torna a raiva uma das melhores evidências para descobrirmos as nossas próprias idolatrias particulares. Quando estamos zangados com o mundo ou com raiva de Deus, podemos ter certeza de que colocamos a pessoa errada no trono.

Para sua própria glória

Para reconhecer a forma que a autoexaltação assume em nossa própria vida, precisamos analisar com mais cuidado a forma como Adonias se entronizou como rei. Ele tomou para a sua própria glória e prazer a decisão de fazer-se rei, sem jamais submeter-se ao governo de Deus. Cometemos o mesmo erro sempre que decidimos “fazer-nos rei”: buscamos a nossa própria honra e prazer sem nos submeter ao governo de Deus.

Veja as várias maneiras com que Adonias agiu para a sua própria honra. Em primeiro lugar, “Providenciou carros, e cavaleiros, e cinquenta homens que corressem adiante dele” (1Rs 1.5). Se você quer que as pessoas saibam quão importante você é, é bom ter seu próprio cortejo! Então Adonias reuniu sua legião, por assim dizer – uma guarda de honra de carruagens do palácio, com lacaios correndo à sua frente para anunciar a sua vinda. Mesmo antes de chegar, as pessoas saberiam assim que alguém importante estava a caminho.

Quando você quer ser importante, a aparência é tudo. Se você quiser ser rei, precisa agir como rei, e isso inclui cercar-se de pessoas que o tratem assim. Você precisa ter alguns seguidores – pessoas que lhe digam quão grande você é. E assim como seu irmão Absalão antes dele (outro vínculo sinistro), Adonias grandiosamente empregou um cortejo de cavalos e carruagens e servos a pé (2Sm 15.1).

Adonias também buscou assegurar o apoio de alguns dos líderes mais poderosos de Israel: “Entendia-se ele com Joabe, filho de Zeruia, e com Abiatar, o sacerdote, que, seguindo-o, o ajudavam” (1Rs 1.7).

Mesmo que suas carreiras terminassem em desgraça, ambos os homens eram líderes-chave de Israel. Joabe era o comandante do exército de Israel e durante muitos anos atuou como braço direito de Davi. Joabe foi o general que ajudara o rei a conquistar Jerusalém, que suprimira todas as rebeliões contra o seu trono real, e que protegera a vida do rei matando seus inimigos (por exemplo, 2Sm 2.13ss.; 1Cr 11.4-6). Infelizmente, Joabe também matara o filho de Davi, Absalão, o que fez com que perdesse o favor real e diminuísse a sua influência política. Mas talvez seu apoio a Adonias lhe permitisse recuperar sua posição de poder no reino.

Abiatar, o sacerdote, também estava planejando aumentar seu poder. Como Joabe, ele era um dos parceiros do velho rei, um homem que havia acompanhado Davi quase desde o início (1Sm 22.20-23). Abiatar não era o sumo sacerdote, mas talvez o quisesse ser. Em todo caso, decidiu que acompanharia Adonias em sua ascensão ao poder.

Adonias tinha, portanto, amigos em posições altas – poderosos líderes militares e religiosos que poderiam ajudá-lo a conseguir o que queria. Conhecer as pessoas certas é importante. Se você quiser avançar na vida, ajuda poder dizer coisas como: “Sabe, outro dia eu estava conversando com meu bom amigo Joabe, e ele disse...”. Também ajuda ter pessoas ao seu redor que lhe digam o que você quer ouvir, apoiando suas ambições e elogiando suas conquistas sem criticar suas falhas ou corrigir seus pecados.

Adonias também se exaltou ao exibir publicamente a sua riqueza pessoal e seu compromisso religioso: “Imolou Adonias ovelhas, e bois, e animais cevados, junto à pedra de Zoelete, que está perto da fonte de Rogel, e convidou todos os seus irmãos, os filhos do rei, e todos os homens de Judá” (1Rs 1.9).

Essa grande festa, com sua longa lista de convidados, serviria a uma série de propósitos políticos importantes. Melhoraria a reputação religiosa de Adonias (Zoelete, a Pedra da Serpente não era exatamente o lugar adequado para fazer sacrifícios a Deus!). A festa também uniria as pessoas, convencendo-as a formar uma aliança política. Compartilhar a mesa era um sinal de solidariedade importante nos tempos bíblicos. Nesse caso, equivalia praticamente a uma cerimônia de coroação pública (1Rs 1.11).

Adonias fez toda essa autopromoção para fortalecer sua posição política. Ele estava saindo com os amigos certos, passando tempo com as pessoas mais populares e organizando as maiores festas. Ao mesmo tempo, estava passando a impressão de que era profundamente religioso. No entanto, Adonias fazia tudo isso apenas para sua própria honra e glória.

Somos tentados a “fazer-nos rei” da mesma maneira. Tentamos impressionar as pessoas com o que temos, com as pessoas que conhecemos ou com quanto estamos fazendo para Deus. Às vezes, nós nos preocupamos mais com o que as pessoas pensam de nós do que com aquilo que realmente somos diante de Deus. Assim, nós nos cercamos com as pessoas que nos dizem que estamos fazendo a coisa certa, mesmo (e talvez) quando estamos fazendo a coisa errada.

Como isso acontece? Silenciosamente, garantimos que recebamos a maior parte do crédito pelo sucesso de um projeto, ou gabamo-nos do aparelho eletrônico que compramos recentemente, ou fazemos com que as pessoas saibam que estamos vestindo a última moda, ou passamos a impressão de que somos parte da “tribo”, ou fazemos o que seja que as pessoas da nossa

comunidade fazem para ganhar pontos. Talvez alimentamos o nosso senso de autoimportância simplesmente reclamando, ainda que discretamente, sobre a nossa carga de trabalho, sobretudo na boa obra que fazemos no ministério cristão. Mas de um jeito ou de outro, queremos que as pessoas saibam como somos bons. Não podemos fazê-lo andando de carruagem, contratando cinquenta servos e convidando celebridades para um jantar, mas fazemos a mesma coisa de maneiras mais sutis. Nós o fazemos com os objetos que compramos, com aquilo que dizemos e vestimos, e com a impressão que tentamos deixar de sermos algo maior do que realmente somos.

Prazeres tolos

Não buscamos apenas a nossa própria honra, buscamos ainda o nosso próprio prazer. É o que Adonias também nos mostra. Não foi apenas para sua própria glória que ele se coroou rei; fez isso igualmente para seu próprio prazer. A Bíblia assim indica, dizendo-nos que “Jamais seu pai o contrariou, dizendo: ‘Por que procedes assim?’” (1Rs 1.6). É uma terrível acusação contra Davi de ter fracassado na disciplina paternal. É também um dos comentários mais importantes de toda a Bíblia sobre o tema da educação dos filhos.

A implicação é que Davi deveria ter responsabilizado seus filhos por seus atos, e que, se tivesse feito isso, Adonias não teria vivido para a glória de uma coroa que nunca deveria ter reivindicado. A Bíblia indica, ainda, que essa medida disciplinadora inevitavelmente teria desagradado o filho, embora tivesse sido para o seu próprio bem. Mas em vez disso, Adonias era rebelde – corrompido de tão mimado. Davi amara seu filho excessivamente, mas não de forma muito sábia. Um pai muito indulgente produzira um filho arrogante. Como Paul House comenta sabiamente: “Uma boa aparência e um *status* privilegiado, juntamente com a indulgência dos pais, raramente constroem um caráter forte. Tampouco incutem sabedoria”.⁵ Adonias pode muito bem ter tido uma infância feliz, mas a falta de disciplina de seu pai acabou transformando o jovem em traidor.

Tudo isso são princípios que podemos levar diretamente para os nossos lares cristãos. Pais e mães têm o dever de responsabilizar seus filhos por suas ações. “Por que você fez isso?” é uma pergunta boa e muitas vezes necessária a se fazer. Ela força as crianças a explicarem suas ações e a examinarem as motivações do seu coração. Isso pode ajudá-las a ver quão pecaminosas são e quanto precisam de um Salvador. Também pode ajudá-las a ver a diferença entre viver para seu próprio prazer e viver para agradar a Deus, entre “fazer-se rei” e viver para a glória de Deus.

Os pais precisam saber que esse tipo de responsabilização muitas vezes deixa a criança com raiva. E é claro que a deixa com raiva! A natureza